

O turismo num mundo de mobilidades

Tourism in a world of mobilities

Bianca Freire-Medeiros e Patricia de Santana Pinho

Das aventuras dos turistas sexuais, culturais e “de massa” às desventuras dos refugiados e trabalhadores migrantes, nosso planeta é palco de um número crescente de deslocamentos humanos. Motivadas por guerras e conflitos, mais de 60 milhões de pessoas cruzaram largas distâncias em 2015, o que representa um aumento de quase 10% em relação a 2014¹. Paralelamente, as mobilidades turísticas alcançam um crescimento inédito e configuram em média 12,5% do PIB das nações, variando de 2,2% para Angola a 61,1% para as Maldivas². Se os números não qualificam a experiência dos deslocamentos, eles nos ajudam a pensar quão globalizados são os seus impactos e no quanto essas formas avessas de mobilidades de corpos produzem consequências umas para as outras, bem como para as mobilidades de mercadorias, imagens, objetos, conceitos e discursos³.

Embora as motivações, assim como as condições de segurança e conforto desses deslocamentos, possam ser radicalmente distintas, as viagens das pessoas e das coisas, das imagens e das ideias estão sempre, de maneira direta ou indireta, interligadas em sistemas cada vez mais complexos e interdependentes. Cruzando verticalmente esses sistemas estão as novas tecnologias de comunicação e transporte⁴, que alteram não apenas as concepções de proximidade e distância, mas também reconfiguram os arranjos afetivos e familiares enquanto provocam interessantes alterações nas relações entre os espaços doméstico e público⁵. Os movimentos voluntários, isto é, não mandatórios, configuram-se como objeto de desejo e como característica do sujeito cosmopolita, confirmando, portanto, o status de direito do cidadão. Os movimentos involuntários, por sua vez, atuam no sentido contrário, já que resultam da precarização da cidadania, criando sujeitos

1 Ver o relatório anual *Global Trends* (<http://www.unhcr.org/576408cd7>), cujas estatísticas são produzidas a partir de dados dos governos, do próprio ACNUR (agência da ONU para refugiados) e de seus parceiros.

2 Dados da Organização Mundial de Turismo, citados em: (Aramberri, 2009, p. 367-376).

3 Os artigos e resenhas reunidos neste dossiê oferecem, em conjunto, uma vasta bibliografia sobre o tema das mobilidades em suas várias acepções e formas. As organizadoras optaram por indicar, nestas notas introdutórias, apenas referências que complementam o que aqui se encontra disponibilizado pelos autores.

4 Para uma apreciação dos impactos e usos das tecnologias de comunicação na América Latina, ver a coletânea publicada recentemente por Araya e Vera (2016).

5 Ver, entre outros: Wiley, S.; Sutko, M.; Moreno Becerra, T. (2010); Madianou e Miller (2012).

que navegam, quando não tragicamente naufragam, em busca de um estado que os proteja.

Se, por um lado, os temas da migração e dos exílios há muito habitam as agendas dos sociólogos brasileiros⁶, por outro, chega a ser constrangedor o silêncio em relação ao tema das mobilidades turísticas. Ao leitor interessado em verificar a pertinência dessa afirmativa, uma busca na plataforma Scielo, em sua versão em português, não permitirá dúvida: os periódicos sob as rubricas “Humanidades” e “Ciências Sociais”, salvo raríssimas exceções, têm sistematicamente ignorado o fenômeno do turismo. O presente dossiê, a contrapelo, reúne e disponibiliza reflexões que lidam com os desafios empírico-conceituais das mobilidades e imobilidades a partir dos trânsitos turísticos, dedicando-lhes a atenção epistemológica necessária.

Distanciando-nos de fórmulas prontas de investigação, buscamos disseminar alguns conhecimentos teóricos e protocolos metodológicos que poderão ser de utilidade para pesquisadores e estudiosos do vasto campo das Ciências Sociais sobre várias modalidades turísticas. Afinal, como bem sabemos, há um número cada vez maior de “maneiras” de se fazer turismo, o que tem gerado uma propagação de qualificativos no mercado e nas análises das viagens contemporâneas. Neste dossiê, o leitor encontrará em foco alguns destes subtipos, desde os turismos cultural (Vidal) e sexual⁷ (Mitchell), passando pelos “favela tours⁸” – com seu contraponto, o “turismo de base comunitária” – (Moraes), pelas mobilidades das elites (Freitas) e pelo “turismo sombrio” (Arthur)⁹, chegando à indagação sobre a própria pertinência de falarmos em “pós-turismo” (Allis) num mundo atravessado por mobilidades tão interconectadas. A despeito dessa pluralidade de referentes empíricos, o interesse pela dimensão urbana do fenômeno turístico, i.e. pela maneira como as cidades e seus espaços definem práticas específicas de

6 A coletânea organizada por Angelina Peralva e Vera da Silva Telles (2015) é exemplo recente – e muito bem realizado, vale dizer – do que os cientistas sociais brasileiros vêm produzindo sobre o tema das economias migratórias.

7 O artigo de Mitchell traz inúmeras referências recentes que analisam o turismo sexual no Brasil. A essa lista, as organizadoras acrescentam o livro de Williams (2013) e sugerem, para os interessados no tema analisado a partir de outros lugares da América Latina e Caribe, os trabalhos de Kempadoo (2004) e Cabezas (2009).

8 Para um balanço da literatura sobre o turismo em favela, ver: Freire-Medeiros e Moraes (2015).

9 O chamado *dark tourism* tem muitas vertentes, mas define-se de um modo geral como turismo em lugares marcados por histórias de morte, terror e tragédia. A rubrica inclui, portanto, desde a visita ao local onde tenha morrido ou esteja enterrada determinada celebridade, até tours organizados a locais de trauma coletivo e genocídio, como os campos de concentração na Alemanha e Polônia ou os porões de castelos que pontuam o litoral de Ghana, onde africanos escravizados ficavam aprisionados até o momento de embarque para as Américas. Sobre o turismo sombrio, ver: Lennon e Foley (2000) e White & Frew (2013). Já para uma análise sobre o turismo em locais marcados por guerras e revoluções na América Latina, ver: Baab (2010).

turismo ao mesmo tempo em que são por elas reconfigurados¹⁰, imprime unidade ao conjunto dos textos – artigos, resenhas e entrevista – que compõem o dossiê.

A compreensão das (i) mobilidades turísticas em seu caráter sistêmico, multidimensional e globalizado depende do trânsito de ideias entre sociólogos, antropólogos, economistas, geógrafos e outros tantos que estejam dispostos a pensar o turismo como fenômeno social. Ademais, como argumenta Mimi Sheller, em entrevista feita com exclusividade para os leitores de Revista Plural, “as coisas mais interessantes estão acontecendo nas ‘fronteiras’ das disciplinas, onde elas se encontram com questões que se expandem em novas formas de pesquisa, oriundas de outros lugares”. Apesar de recorrentemente vinculada a departamentos de Sociologia ao longo de sua carreira, Sheller sempre frequentou essas “zonas de contato” de onde emergem possibilidades inéditas de teorização. Este é por certo o caso do Paradigma das Novas Mobilidades (PNM), cujos primeiros contornos ela definiu em companhia de John Urry (Cf. SELLER & URRY 2002). Fundador do *Centre for Mobilities Research* da Universidade de Lancaster, Urry marca presença neste dossiê não apenas como referência bibliográfica da maior parte dos artigos, mas em outra dupla condição: como autor do breve, porém brilhante, ensaio “Globalizando o Olhar do Turista”, traduzido por Natália Otto e pela primeira vez disponível em português nesta edição de Plural; e como inspiração de um pequeno texto de homenagem póstuma que faz coro às centenas de notas publicadas em diferentes esquinas do mundo acadêmico desde seu falecimento em março deste ano.

Ainda que seja considerado o maior nome do que se poderia chamar de Sociologia do Turismo, a grandeza da contribuição de Urry se recusa a ser contida por esquadrias disciplinares. Se não fosse a incorporação criticamente seletiva, porém nada preconceituosa, que fazia de formulações conceituais as mais diversas, inclusive aquelas das ciências duras, dificilmente Urry teria chegado a formular o argumento da obsolescência da própria ideia de “sociedade”. Tal argumento, inspirado em grande medida na teoria dos sistemas complexos, encontra sua formulação inaugural em *Sociology Beyond Societies: Mobilities for the Twenty-first Century* (2000), obra de título provocativo que reorienta a bússola da investigação sociológica em direção ao “mobilities turn”. Esse novo norte nos afasta de uma concepção sedentária de sociedade e nos leva ao encontro de sistemas simultaneamente

10 Levantamento recentemente realizado na base bibliográfica do UrbanData-Brasil: Banco de dados sobre o Brasil Urbano permite afirmar que tem sido crescente o interesse de pesquisadores de várias áreas do conhecimento sobre o turismo que se dá no contexto urbano brasileiro. Para uma apreciação crítica dessa literatura, ver: Zerbinatti e Michelino (2016).

econômicos, físicos, tecnológicos, políticos, culturais e sociais cujas propriedades emergentes estão cada vez mais conectadas.

Se interconexão e interdependência são elementos centrais no PNM, faz todo sentido o que nos dizem Urry e Sheller: não é possível estudar exclusivamente o turismo, ou as migrações forçadas, ou qualquer forma de mobilidade sem procurarmos entender de que maneiras estas se interconectam com outras formas de mobilidade, seja de pessoas, de coisas ou de ideias. Nesse sentido, a noção de mobilidade proposta pelos autores identificados com o PNM, como discutido em detalhes no artigo de Thiago Allis, engloba as ideias de mudança de status socioeconômico, fluxo, circulação, migração, acessibilidade e transporte, sem com elas se confundir. Dessa definição inclusiva deriva o entendimento prático de que é necessário analisar como as diversas formas de mobilidade — inclusive a que diz respeito aos trânsitos das variadas formas de conhecimento e suas fronteiras — são impactadas e impactam a realidade mais ampla.

Atentas à questão da geopolítica do conhecimento, isto é, à centralidade do lugar para a produção, circulação e validação das ideias, convidamos contribuições de autores nacionais e estrangeiros que ocupam uma gama variada de identidades sociais e, portanto, posições distintas de enunciação. A começar pelas próprias organizadoras: pesquisadoras brasileiras cujos olhares têm se construído a partir de mobilidades geográficas e trânsitos por áreas do conhecimento. Os autores aqui reunidos, por sua vez, encontram-se em momentos distintos de suas trajetórias acadêmicas e estão afiliados a diferentes campos disciplinares (ver nota ao final desta apresentação). Apesar dessa diversidade, todos compartilham da preocupação em utilizar teorias “estrangeiras” e/ou paradigmas estabelecidos de forma crítica e seletiva. Até que ponto, ou a que preço, pode o PNM, por exemplo, viajar para além do Rico Norte? O artigo de Allis nos mostra que alguns argumentos centrais desse paradigma, como a ocorrência da “de-diferenciação” crescente entre o turismo e o universo mais amplo de mobilidades cotidianas, se aplicam bem aos contextos específicos das grandes cidades brasileiras. Moraes faz uso de conceitos caros ao PNM, como o de “olhar do turista” e da noção de que os lugares são “consumidos”, colocando-os sob o teste empírico do turismo em favelas cariocas. A resenha de João Freitas, por sua vez, não nos deixa esquecer que o PNM nos será tão útil quanto crítica for a apropriação que dele fizermos. De maneira geral, é possível dizer, portanto, que os artigos aqui contidos mostram que não cabe uma “importação” indiscriminada de teorias, mas sim uma seleção crítica daquilo que se mostra proveitoso para as análises que pretendemos realizar, quer estejamos falando de metrópoles brasileiras (como o fazem Allis, Mitchell e

Moraes), de cidades históricas do Sul dos Estados Unidos (foco do livro de Tiya Miles resenhado por Tori Arthur para este dossiê) ou das capitais de colônias do Império Português, para as quais se volta o interesse de Vidal.

Como já mencionado, os autores variam também quanto às suas áreas de formação, já que temos aqui pesquisadores oriundos da sociologia, da história, do turismo e dos chamados “estudos de área”, tais como os estudos latino-americanos e caribenhos que, apesar de originalmente instituídos nos Estados Unidos para auxiliar políticas intervencionistas, transformaram-se, em grande medida, em áreas de conhecimento que priorizam questões de interesse para essas próprias regiões e para seus povos. A interdisciplinaridade desse dossiê não se resume, contudo, à formação acadêmica variada dos nossos autores, estando presente, também, no interior das próprias análises. Dentre outras razões, isso se deve ao que já assinalamos, mas que vale sublinhar: o turismo, bem como as mobilidades em geral, por se tratarem de fenômenos amplos e interconectados, demandam análises que se valem das contribuições de variados campos do saber.

À interdisciplinaridade nas escolhas teóricas das análises aqui incluídas soma-se a multiplicidade das escolhas metodológicas e das fontes de pesquisa. Analisando uma gama de documentos históricos, incluindo guias turísticos, notícias de jornais e narrativas de viajantes, Frédéric Vidal examina os processos pelos quais se constroem *práticas turísticas* e se transformam cidades em *lugares turísticos*. A transformação na paisagem física e social de Macau e Cantão ao longo do século XIX é recuperada a partir de documentos que mostram como as experiências estéticas e afetivas dos viajantes se atrelam a novos usos dos espaços urbanos. Os significados que passam a ser atribuídos a tais espaços e os dividem em binários como rurais e urbanos, atrasados e modernos, fortalecem identidades nacionais e regionais que irão, por sua vez, sustentar as fantasias do turista do Ocidente em busca do exotismo oriental. Se as pesquisas sobre as práticas turísticas passadas enfrentam desafios inerentes às investigações históricas, estudar as práticas turísticas contemporâneas, por sua vez, também exige lidar com vários obstáculos. A resenha da coletânea *Elite Mobilities*, assinada por João Freitas, ressalta os desafios metodológicos que enfrentarão os que escolherem pesquisar o mundo de “sigilos”, “segredos” e “ausências” próprio das elites globais atuais. Se é indisputável a intensidade dos fluxos de capitais, de recursos e de corpos entre os poderosos, isso não quer dizer que o acesso ao vasto conjunto de informações sobre esses fluxos se coloque facilmente ao dispor dos pesquisadores.

Como os artigos de Camila Moraes e Gregory Mitchell ilustram, pesquisas etnográficas sobre turismo e mobilidades podem combinar as técnicas conven-

cionais de entrevistas e observação participante com modos mais inovadores de se fazer pesquisa de campo, onde o papel do pesquisador se confunde com o de ativista ou mesmo de palestrante diante daqueles a quem se deseja entrevistar. É importante ressaltar que esse novo *modus operandi* não se restringe, certamente, ao universo do turismo, como também não tem a finalidade meramente estratégica de se ganhar acesso à comunidade observada. Atuar como ativista e/ou palestrante no decorrer do processo de pesquisa revela, muitas vezes, a intenção de se construir investigações mais reflexivas e dialógicas, que possam ser de utilidade também para os pesquisados e não apenas para os pesquisadores.

Outro aspecto importante nas pesquisas sobre mobilidades de modo geral, porém ainda mais especificamente sobre o turismo, é a própria efemeridade do viajante, o que gera desafios específicos para a pesquisa etnográfica. Como fazer uma imersão de longa duração na vida do “outro” quando a sua presença é fugaz e quando é, muitas vezes, o “outro” que visita o lugar do pesquisador? Moraes e Mitchell compartilham com os leitores algumas alternativas utilizadas para lidar com essas dificuldades. Além de atuarem como mediadores e tradutores — entre gringos e trabalhadoras do sexo, no caso de Mitchell, e entre moradores da favela e representantes governamentais, no caso de Moraes — eles nos mostram também que nem sempre é possível fazer entrevistas de controle, pois já não se pode reencontrar os mesmos sujeitos, e que algumas lacunas ficarão sem ser preenchidas. Se essa incompletude normalmente define a natureza dos métodos qualitativos, ela torna-se ainda mais acentuada nas pesquisas sobre turismo.

As análises dos discursos e representações também têm ganhado importância crescente e se baseiam no reconhecimento da mobilidade das próprias imagens e de como essas transitam dentro e fora do universo do turismo. Vale ressaltar ainda que não existe de fato um único discurso turístico, delimitado e desconectado de outras molduras discursivas. As representações que circulam no turismo são produzidas necessariamente em conjunto com as representações produzidas e veiculadas em diferentes suportes e produtos, como filmes, revistas, escritos ficcionais, videoclipes musicais, campanhas publicitárias¹¹, dentre outros. As representações dos lugares turísticos, como, por exemplo, a favela globalizada ou a Cantão colonial, não circulam apenas através do material promocional das agências de turismo ou das narrativas de viajantes, mas participam de uma economia mais geral dos símbolos e representações. Com o advento da Internet e a popularização

11 Para uma valiosa análise das interlocuções entre mobilidade de imagens e discurso publicitário, ver: Nogueira (2015).

dos meios digitais de compartilhamento, como nos lembra John Urry no ensaio que compõe este dossiê, os próprios turistas tornam-se cada vez mais produtores e veiculadores das representações e dos discursos turísticos¹². Do internauta que se gaba da sua virilidade no Rio de Janeiro ou em Bangkok em *chats* específicos de turismo sexual, ao viajante engajado, que posta suas fotos da favela “autêntica” nas redes sociais, os turistas participam cada vez mais da produção de imagens, contribuindo assim para conferir significados específicos a lugares distintos.

Os moradores dos destinos turísticos também participam dessa economia de símbolos. Por mais desiguais que possam ser os contextos em que se dão os encontros, “anfitriões” não são apenas objetos do olhar do turista. Além de “retornarem o olhar” e construírem suas próprias interpretações sobre quem são esses que os visitam, os moradores também representam as localidades onde vivem, muitas vezes se apropriando estrategicamente de conceitos veiculados por turistas, acadêmicos e agentes governamentais e não-governamentais. Nesse sentido, alguns dos artigos aqui incluídos enfatizam o protagonismo dos moradores nos processos turísticos, tendo, porém, o cuidado de não romantizar o alcance da sua agência. O artigo de Mitchell sobre o pânico moral formado em torno de potenciais turistas sexuais durante a Copa do Mundo, por exemplo, mostra como o gringo, com sua identidade masculina, branca e estrangeira, é visto por vários atores sociais. Mais do que isso, o turista (sexual ou não) é *tratado* em sintonia com o modo em que é *retratado*.

Representações “nativas” e “estrangeiras” não são necessariamente excluídas e podem, muitas vezes, se reforçar mutuamente. No Rio de Janeiro Olímpico, como argumenta Allis, moradores e turistas voltam suas câmeras fotográficas para os mesmos atrativos, enquanto a imagem do “gringo predador” é formada, ironicamente, a partir da convergência de olhares sobre o turista criados por setores via de regra divergentes, nesse caso evangélicos e feministas, como demonstra Mitchell. A sensibilidade etnográfica de Moraes recupera os processos pelos quais os vários atores sociais, incluindo moradores de favelas, empreendedores locais, representantes governamentais e acadêmicos disputam os significados de se fazer turismo na favela. Por meio desses diálogos, moradores se apropriam, também

12 Na terceira edição do seu livro clássico, *The Tourist Gaze*, rebatizado como *The Tourist Gaze 3.0* (cuja autoria Urry generosamente compartilha com Jonas Larsen), o tema do uso crescente dos meios digitais no turismo é ainda mais aprofundado. Essa edição, publicada em 2011, além de ampliada e atualizada, inclui uma análise mais atenta dos vínculos entre o olhar do turista como seres carnais (e, portanto, não apenas portadores de um olhar abstrato) e as suas performances identitárias.

de forma crítica e seletiva, de termos que podem servir para o empoderamento das suas comunidades.

Sujeitos predominantemente marginalizados, como os moradores da favela e as trabalhadoras do sexo, são vistos aqui lutando também pelo direito à cidade: pelo direito de habitar, trabalhar, ou simplesmente circular, atividades que se tornaram ainda mais difíceis no contexto de mobilidades seletivas da Copa do Mundo de 2014 e dos preparativos para os Jogos Olímpicos de 2016. Esses megaeventos esportivos mostraram o quanto as mobilidades internacionais foram favorecidas em detrimento das mobilidades locais. No caso do Rio de Janeiro, o acirramento da desigualdade do acesso à cidade ficou tão explícito que se tornou alvo de crítica até mesmo de políticos conservadores e comprometidos com a manutenção do *status quo*. Beneficiando-se do consenso em torno do Rio ter se tornado “um canteiro de obras” por conta das Olimpíadas e se baseando no slogan hipócrita de que “chegou a hora de cuidar das pessoas”, Marcelo Crivella acaba de se eleger prefeito da segunda maior cidade brasileira. Este é um exemplo importante de como o turismo – e os usos e abusos das suas representações – influenciam os processos políticos e permeiam a vida diária dos não-turistas. Os impactos do turismo não se limitam, portanto, ao turismo em si.

À interconexão entre os elementos explicitamente turísticos e a realidade mais ampla soma-se a interseção dos eixos identitários de raça, gênero, sexualidade, classe e nação. Os trânsitos turísticos são realizados por corpos com diferentes idades, etnias e capacidades físicas e, a depender desses marcadores sociais, haverá menos ou mais interrupções – checkpoints, revistas, interrogatórios – a ser enfrentadas. A estrutura de serviços que possibilita estes trânsitos, por sua vez, é dependente da (i) mobilidade de outros tantos corpos cujas características identitárias, via de regra, servem de resguardo para o mercado turístico posicioná-los no sopé da hierarquia. As análises reunidas nesse dossiê mostram as conexões íntimas entre os processos turísticos e a construção de identidades sexuais, raciais, nacionais e de gênero, não nos deixando esquecer de como essas se produzem mutuamente, seja por oposição ou sobreposição. Trata-se de conexões geo-historicamente definidas: não por acaso, as representações turísticas sobre identidades, práticas e lugares do passado refletem as disputas sobre os significados desses mesmos elementos no presente. É o que nos mostra a resenha de Tori Omega Arthur para *Tales from the Haunted South: Dark Tourism and Memories of Slavery from the Civil War Era*, livro que analisa uma das variantes do turismo sombrio: as visitas às fazendas no sul dos Estados Unidos, as chamadas *plantations*, bem como algumas de suas áreas urbanas, que são hoje representadas como sendo

habitadas por fantasmas da época da escravidão. A autora, Tiya Miles, examina os processos de memória, e portanto também de esquecimento, de aspectos da escravidão, mostrando que há uma continuidade na prática de aniquilamento das vidas negras: se, no passado, corpos negros eram reduzidos à geração de lucro para os seus “donos” brancos, os espectros dessas mesmas vidas são, no contexto contemporâneo do turismo sombrio, mais uma vez utilizados para favorecer economicamente aos empreendedores brancos, que faturam em cima do frisson de turistas, predominantemente brancos, que se regozijam em uma versão “lúdica” da história da escravidão. Este tipo de turismo sombrio oferece uma interface importante com o chamado turismo de raízes, ou o turismo conduzido por membros de comunidades diaspóricas em busca dos antepassados, da terra-mãe, bem como dos seus pares situados em outras partes do mundo¹³. Para leitores brasileiros, há na resenha e no livro informações valiosas para estudos comparativos da memória da escravidão nas Américas e de como versões distintas dessa memória podem contribuir para negar ou confirmar o valor de vidas negras no presente.

Ao incluímos no dossiê uma variedade de formas de se fazer turismo, o nosso objetivo não é criar uma tipologia conceitual ou uma taxonomia. Buscamos, em vez, reiterar as interfaces entre as representações relativas a cada subtipo de turismo e as construções das identidades culturais e dos significados atribuídos aos lugares e aos sujeitos, quer sejam hóspedes ou anfitriões. Além disso, uma classificação conceitual estrita não seria possível nem desejável também pelo fato de que essas formas supostamente distintas de se fazer turismo, em grande medida, convergem entre si. Muitas vezes, turistas “alternativos” e turistas “de massa” lançam mão de lentes que os fazem enxergar o mundo de forma mais parecida do que os seus portadores gostariam de admitir. A justaposição, ainda que parcial, entre o mochileiro que deseja virar nativo entre os condenados da terra e o *voyeurista* que se fascina com a pobreza alheia é um exemplo emblemático dessas convergências.

O estudo das mobilidades, turísticas ou não, requer, portanto, criatividade conceitual. Tipologias e modelos devem ser utilizados para iluminar e jamais aprisionar a realidade. Em vez de trabalharmos confinados às fronteiras disciplinares, vale a pena seguir a sugestão de Sheller de que sejamos mais indisciplinados! Lembremos que a “indisciplina” não nos é estranha nem estrangeira e não precisa se remeter, tampouco, ao clichê da bagunça dos vira-latas. A interdisciplinaridade, muitas vezes veiculada como uma novidade dos estudos culturais pós-modernos, tem uma longa trajetória no pensamento social latino-americano. Talvez tenha

13 Sobre o turismo de raízes, ver: Pinho (2008, 2015a, 2015b).

perdido a capacidade de transitar no tempo, isto é, de uma época para outra, em função do crescimento da mobilidade espacial e geopoliticamente determinada da sobrevalorização das barreiras disciplinares. Atravessando limites teóricos, metodológicos e nacionais, o dossiê “Mobilidades Turísticas” da Revista Plural busca contribuir para a concepção de um mundo com menos muros, checkpoints e fronteiras. Um mundo de mobilidades mais voluntárias e menos hierarquizadas.

SOBRE AS ORGANIZADORAS E OS AUTORES

Bianca Freire-Medeiros, carioca e socióloga de formação, teve sua trajetória redirecionada para o campo da cultura visual a partir de seu doutorado em História e Teoria da Arte e da Arquitetura realizado na Universidade de Binghamton (EUA). Trabalhando nas interfaces entre sociologia urbana, estudos do consumo e mobilidades turísticas, Freire-Medeiros tem privilegiado o exame das imagens que fazem do espaço urbano e da alteridade cultural seu foco de representação.

Baiana de Salvador, Patricia de Santana Pinho fez doutorado em Ciências Sociais na Unicamp, na área de “Cultura e Política”, e começou a trabalhar nos Estados Unidos em 2002. Desde então, Pinho esteve sempre afiliada a departamentos interdisciplinares de estudos étnicos (afro-americano e latino) e de área (latino-americano e caribenho)¹⁴.

O historiador francês Frédéric Vidal trabalha há vários anos na Escola de Sociologia e Políticas Públicas do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), onde desenvolve pesquisas sobre turismo e história comparada dos mundos urbanos contemporâneos.

Doutor em *Performance Studies* (Northwestern University) e autor de trabalhos sobre turismo gay no Rio de Janeiro e em Salvador, o norte-americano Gregory Mitchell é professor afiliado aos programas interdisciplinares de Estudos das Mulheres, Gênero e Sexualidade e de Antropologia/Sociologia do Williams College.

A carioca Camila Moraes, turismóloga de formação e professora do Departamento de Turismo e Patrimônio da UniRio, é Mestre em Ciências Sociais (PPCIS/ UERJ) e atualmente cursa doutorado no Programa de Pós-Graduação em História,

¹⁴ As pesquisas de Freire-Medeiros e Pinho sobre, respectivamente, o turismo em favelas e o turismo de raízes de afro-americanos na Bahia possuem vários pontos em comum: o questionamento das assimetrias que atravessam os processos e práticas globais de representação; o interesse por *quais* imagens de Brasil circulam pelo mundo, *por quem* e *para quem* são produzidas; e o exame crítico dos posicionamentos dos atores sociais brasileiros frente aos olhares “gringos” ao longo da nossa história.

Política e Bens Culturais (PPHPBC) do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da FGV/Rio.

O paulistano Thiago Allis, professor do Curso de Lazer e Turismo (EACH-USP), também é Bacharel em Turismo (USP), tendo seguido sua formação intelectual no Mestrado em Integração da América Latina (USP) e no Doutorado em Arquitetura e Urbanismo.

João Freitas nasceu e reside em São Gonçalo, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Desde sua graduação em Turismo na Universidade Federal Fluminense (UFF), tem buscado interlocuções com as Ciências Sociais e a História. Esse interesse interdisciplinar o levou ao Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais (PPHPBC) da FGV, onde atualmente desenvolve sua tese de doutorado sobre as mobilidades transnacionais da ideia de “smart cities”.

Nascida nos sul dos Estados Unidos, Tori Arthur tem doutorado em Estudos Culturais Americanos. Atualmente trabalha como professora visitante no Programa de Estudos Étnicos na Lawrence University, em Wisconsin. Sua pesquisa examina os movimentos transnacionais de corpos, principalmente corpos negros, por meio de migrações e turismo, voltando-se não apenas para os impactos gerados por esses fluxos na literatura, mídia e cultura popular, mas também para o efeito que as representações provocam nos próprios deslocamentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAYA, Catalina; VERA, Franco. *El mundo en mi mano: La revolución de los datos móviles*. Santiago: Fundación País Digital, 2016.
- BABB, Florence. *The Tourism Encounter: Fashioning Latin American Nations and Histories*. Stanford: Stanford University Press, 2010.
- BIRCHNELL, Thomas; CALETRÍO, Javier. *Elite Mobilities*. Londres e Nova York: Routledge, 2014.
- CABEZAS, Amalia. *Economies of Desire: Sex and Tourism in Cuba and the Dominican Republic*. Philadelphia: Temple University Press, 2009.
- FOLEY, Malcolm; LENNON, John. *Dark Tourism: The Attraction of Death and Disaster*. Londres: Continuum, 2000.
- FREIRE-MEDEIROS, Bianca; MORAES, Camila. A favela como atração turística. In: ANSARAH, Marília; PANOSSO, Alexandre (Org.). *Produtos turísticos e novos segmentos de mercado: planejamento, criação e comercialização*. Baueri: Manole, 2015, p. 366-378.
- FREW, Elspeth; WHITE, Leanne. *Dark Tourism and Place Identity: Managing and Interpreting Dark Places*. Londres e Nova York: Routledge, 2013.

- GLOBAL TRENDS. Disponível em <http://www.unhcr.org/576408cd7>. Acesso em 2 de novembro de 2016.
- KEMPADOO, Kamala. *Sexing the Caribbean: Gender, Race and Sexual Labor*. Londres e Nova York: Routledge, 2004.
- LARSEN, Jonas; URRY, John. *The Tourist Gaze 3.0*. Londres: Sage Publications, 2011.
- MADIANOU, Mirca; MILLER, Daniel. *Migration and New Media: Transnational Families and Polymedia*. Londres: Routledge, 2012.
- MICHELINO, Martha; ZERBINATTI, Luiza. “Turismo urbano: Reflexões a partir do UrbanData-Brasil: Banco de dados sobre o Brasil Urbano”. Poster apresentado no *Encontro Nacional do Centro de Estudos Regionais e Urbanos (CERU)*, Universidade de São Paulo, 2016.
- MILES, Tyia. *Tales from the Haunted South: Dark Tourism and Memories of Slavery from the Civil War Era*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2015.
- MORENO BECERRA, Tabita; SUTKO, Daniel; WILEY, Stephen. A Conceptual Model of Social Space. *The Communication Review*, vol. 13, p. 340-372, 2010.
- NOGUEIRA, Maria Alice. *Mobilidade em potência e discurso publicitário na sociedade contemporânea globalizada: Brasil, 1982-2014*. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais) - Fundação Getúlio Vargas, 2015.
- PERALVA, Angelina; TELLES, Vera (orgs). *Ilegalismos na Globalização: Migrações, trabalho, mercados*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2015.
- PINHO, Patricia de Santana. ‘The Way We Were’: African American Roots Tourism in Bahia and the Temporal Mapping of Heritage. *Carnets du Lahic* v. 11, Special Edition “Afro-Patrimoines: Culture Afro-Brésilienne et Dynamiques Patrimoniales” organized by Stefania Capone and Mariana Ramos de Moraes, November 2015, p. 218-237, 2015a.
- _____. “Bahia is a Closer Africa.” In: ARAÚJO, Ana (org.). *African Heritage and Memories of Slavery in Brazil and the South Atlantic World*. Amherst, NY: Cambria Press, 2015b, p. 253-284.
- _____. African-American Roots Tourism in Brazil. *Latin American Perspectives*, n. 160, vol. 35, p. 70-86, 2008.
- WILLIAMS, Erica L. *Ambiguous Entanglements: Sex Tourism in Bahia*. Chicago: University of Illinois Press, 2013.

Recebido para publicação em: 14/11/2016. Aceito para publicação em: 01/12/2016